



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALPIARÇA

ATA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALPIARÇA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA REALIZADA NO DIA 24 DE ABRIL DE DOIS MIL E VINTE E UM - MANDATO 2017 - 2021

--- Aos vinte e quatro dias do mês de Abril de dois mil e vinte e um, reuniu em Sessão Extraordinária no Mercado Municipal de Alpiarça, a Assembleia Municipal de Alpiarça. -----

--- Verificou-se a presença do senhor Presidente da Assembleia Municipal Fernando Louro e dos seguintes Deputados Municipais:-----

--- 1. Fernanda Maria Garnel (CDU). -----

--- 2. João Pedro Antunes Osório (CDU). -----

--- 3. Anabela Feliciano da Costa (CDU).-----

--- 4. Celestino Tomaz Pereira Brasileiro (CDU).-----

--- 5. Fernanda Maria Coutinho Precaté Fontainhas Amorim Cardigo (CDU). -----

--- 6. Miguel Ângelo Félix Miranda (CDU). -----

--- 7. Joaquim Luís Rosa do Céu (PS). -----

--- 8. Rodolfo Manuel Machacaz Colhe (PS).-----

--- 9. Maria Graciete Agostinho da Costa Pereira de Brito (PS). -----

--- 10. Abel Ferreira Melro Pedro (PS).-----

--- 11. Carlos Alberto Dias Marques (PS). -----

--- 12. Maria Filomena Lopes Rubio (PS). -----

--- 13. Ana Margarida Rosa do Céu (PS).-----

--- 14. Ana Rita Monteiro Marques (PS). -----

--- 15. Armindo Pinto Batata (MUDA). -----

--- Verificou-se, igualmente, a presença dos seguintes elementos do Executivo Municipal: -----

--- 1. Presidente Mário Fernando Atracado Pereira.-----

--- 2. Vereador João Pedro Costa Arraiolos.-----

--- 3. Vereadora Casimira Pereira Alves. -----

--- 4. Vereador António da Conceição Moreira.-----

--- 5. Vereadora Sónia Isabel Fernandes Sanfona Cruz Mendes. -----

--- A Sessão Solene teve inicio às 20h30 -----

--- A sessão foi composta pelo discurso proferido pelo senhor Presidente da Assembleia Municipal Fernando Louro, bem como pelos discursos proferidos pelos representantes das bancadas da MUDA, do PS e do CDU e do Sr. Presidente da Câmara Municipal, que se encontram em transcritos na presente ata e dela fazem parte integrante. -----

--- Após as intervenções dos eleitos, foi realizado o espetáculo "Tons de Abril". -----

--- A encerrar a sessão, à meia noite do dia 25 de Abril, procedeu-se ao Hastear da Bandeira com a presença da Banda da Sociedade Filarmónica Alpiarçense 1.º de Dezembro e dos Comandantes do Corpo de Bombeiros Municipais de Alpiarça. -----

Intervenções do Sr. Presidente da Assembleia Municipal Fernando Louro.-----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras e Senhores Deputados Municipais

Senhoras e Senhor Vereadores

Ex.mas Senhoras Presidentes da Assembleia e da Junta de Freguesia, e demais autarcas aqui presentes.

Ilustres Convidados

Órgãos da Comunicação Social,

Minhas Senhoras e Meus Senhores, Caros Alpiarçenses.

A Assembleia Municipal é por natureza a instituição símbolo da democracia a nível local.

Estamos aqui, hoje, a comemorar os 47 anos do 25 de Abril de 1974.

Após todos estes anos terão sido escritos muitos milhares de textos sobre esta data que continua querida de todos nós.

Contudo, continua a não ser difícil falar sobre este tema, basta dispensar um pouco o nosso cérebro e escrevermos sobretudo com o nosso coração.

Assim, melhor do que dizer o que pensamos, será falar do que sentimos.

Porque se alguns falarem sem um cravo vermelho bem dentro do seu peito

Sem um cravo vermelho bem junto do seu coração

Serão apenas palavras aquilo que dirão.

Naqueles tempos de 1974 o povo estava em festa, mas também estava em luta.

A liberdade tinha sido alcançada. Mas tinha de ser garantida.

E ainda faltava uma verdadeira igualdade social.

No que respeita à saúde, à educação, ao trabalho, à habitação condigna, à Justiça, ao direito a sindicatos livres, etc. etc.

Será que pensar dessa forma mostrava alguma ingenuidade, será que isso seria uma utopia?

Porque nesta data é sempre gratificante citar José Afonso, recordo uma frase sua onde diz: “Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia a dia procuro comportar-me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão seja a que nível for”.

Mas muitos desses direitos concretizaram-se mesmo. É impensável compararmos aquilo que Portugal é hoje relativamente aquilo que era antes de 74.

A revolução do 25 de Abril mudou decisivamente o panorama político e social em Portugal.

Mas poderia ter mudado mais e melhor?

Claro que sim, ... poderia ... e deveria.

Mas infelizmente os saudosistas neofascistas estão aí e agora com muita força. Estiveram meio adormecidos grande parte destes anos, mas ganharam descaramento, e agora começam a mostrar os dentes sem qualquer pudor.

E começam a ter o apoio de alguns jovens, que passam o tempo nas redes sociais a proclamar que antes é que era bom.

Mas sabem lá eles como era no antigamente. o9o v8uv

Nas redes sociais qualquer imbecil convence-se que será um professor universitário.

Agora manifestam, não apenas posições contra a democracia, mas discursos racistas, xenófobos, homofóbicos, apelos ao ódio, a penas de morte, castração, etc etc contrários a tudo o que serão direitos humanos.

Ou seja, se estas políticas pudessem ser alternativas, levariam Portugal para um atraso civilizacional de centenas de anos.

Esta gente é um outro vírus que anda por aí.

O verdadeiro vírus da pandemia que ataca o mundo, esse, pode ser combatido com vacinas e com respeito.

O uso da máscara, por exemplo, não pode ser sinal que nós nos queremos proteger do vírus, também é isso, mas é essencialmente um sinal de respeito pelas outras pessoas. É um ato de cidadania.

E agora há as vacinas. Em breve esta situação será apenas uma má recordação. Acredito.

Quanto ao outro tal vírus, que está empestando a nossa convivência democrática esse vai demorar mais tempo a ser destruído.

Mas temos de admitir que a Governação deste país deu espaço para que esta gente resolvesse aparecer.

Políticas erradas, corrupção, cedência perante os poderosos, quer nacionais ou estrangeiros.

Ninguém pode estar contente com certas coisas que se vão passando.

E eles, populistas, demagogos, aproveitam-se disso.

Mas a culpa não é da democracia. A culpa não é do 25 de Abril.

Antes pelo contrário. A culpa é dos ideais, as portas que Abril abriu, como disse Ary dos Santos, não se terem realizado na sua plenitude.

Portugal de Abril não pode ser um país onde os trabalhadores, os pensionistas são permanentemente espoliados, e onde os grandes banqueiros, os grandes interesses económicos, põem e dispõem.

São todos uns senhores sérios, bons gestores, bem-falantes, patriotas, empreendedores, democratas, respeitáveis.

Senhores que ganham milhões e milhões, mas doutoralmente conseguem explicar-nos porque não se deve dar mais uns tostões a quem mais precisa.

De tudo o que Abril abriu ainda pouco se disse e só nos faltava agora que este Abril não se cumprisse, como também disse Ary.

Esta nossa preocupação com o “estado a que isto chegou”, como diria Salgueiro Maia, tem de ser permanente. Esta nossa luta, cada um na medida das suas possibilidades tem de ser constante. Bhyujm

Mas ainda assim, repito, não sei como é possível comparar estes nossos dias com os dias do antigamente.

A celebração de mais um aniversário do 25 de Abril, deve servir-nos para lembrar e agradecer a todos os que contribuíram para que esse dia tivesse acontecido, a começar pelos militares de Abril e também por todos aqueles que se sacrificaram, que lutaram, sofreram, alguns até morreram, onde se incluem muitos Alpiarçenses.

Se houve uma terra que lutou sempre pela liberdade, essa terra é Alpiarça. Esse mérito é com toda a certeza do Povo de Alpiarça.

Esta deverá ser a última sessão solene comemorativa do 25 de Abril a que tenho a honra de presidir, e onde estive durante 8 anos.

Gostava de lembrar aquele que, na minha opinião, terá sido o momento mais alto de todas estas celebrações.

Foi em 2014, onde além dos 40 anos de 25 de Abril, também estávamos a celebrar o centenário do concelho de Alpiarça.

Na sessão solene comemorativa da Assembleia Municipal desse ano foi atribuída a medalha municipal da liberdade ... ao POVO DE ALPIARÇA,

Uma simbólica, mas significativa homenagem. Fez-se justiça. Orgulho-me de ter acontecido comigo como Presidente.

Um povo resistente, um povo que sempre lutou, pela liberdade. No tempo em que era difícil e perigosa essa luta.

Esse orgulho que temos dos Alpiarcenses que tanto lutaram e sofreram, para que um dia Abril pudesse ter acontecido, exige de nós todos muito mais responsabilidade, muito mais empenho, para que assim possamos continuar a ser dignos de todos esses nossos antepassados.

Nestas comemorações, como em todas as outras, também devemos aproveitar para nos envolvermos cada vez mais na superação dos novos desafios que vão surgindo cada dia que passa e para contribuímos para que a nossa terra, o nosso país, possam ter cada vez mais justiça social, mais liberdade, mais prosperidade ... enfim... mais felicidade.

Eu acredito que nós juntos, como comunidade, temos ainda um lindo sonho para viver.

OBRIGADO A TODOS.

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA O POVO DE ALPIARÇA!

VIVA A LIBERDADE!

Intervenção do representante do MUDA Armindo Batata.-----

(Saudações protocolares)

No início deste mês de Abril do 47º aniversário da libertação de Portugal, fui confrontado na minha condição de cidadão, por um trabalho, por um estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos, denominado “A Pobreza em Portugal: Trajetos e Quotidianos”.

Chagado à última página daquele estudo, um pensamento, uma pergunta, não mais deixou de bailar no meu pensamento. Que vou comemorar no próximo dia 25?

É inegável e que fique claro, que estou aqui a pagar um justo tributo aos homens e mulheres que antes durante e depois do 25 de abril de 1974 lutaram pela Liberdade que me permite estar aqui hoje a dizer o que me vai na alma.

Mas, além disso, que estou a comemorar?

Diz aquele estudo, que em 2018, mais de 1 milhão e setecentos mil portugueses encontravam-se em risco de

pobreza. São 17,2% da população portuguesa.

Sobre aqueles nossos concidadãos, permitam-me respigar algumas frases daquele trabalho:

Algumas destas pessoas são homens, outras são mulheres.

Algumas têm um emprego estável a tempo inteiro, outras trabalham ao dia, à tarefa ou à semana.

Algumas estão claramente empregadas.

Algumas têm contratos aos quais estão associados direitos e deveres e outras desenvolvem trabalho informal.

Citado

De notar que em 2018 estávamos numa época de apregoado crescimento económico. Desde 2015 que estávamos em plena recuperação de rendimentos e direitos.

E hoje, a meio desta tragédia sanitária do covid-19, quantos serão? Quantos são?

E também, quem são?

Diz ainda aquele estudo, que 11 % de todas as pessoas empregadas em Portugal, vivem em situação de pobreza. Que empregados?

Não tenhamos medo de afirmar, que a política de recuperação de rendimentos e direitos, dividiu o nosso país em países:

O país dos trabalhadores das fábricas e das empresas privadas, e também dos pequenos empresários que sofrem as consequências económicas da pandemia, com apoios de valores ridículos e tardios, e o país dos outros, incluindo eu próprio, aqueles em que, o pior que lhes aconteceu em termos económicos, foi depararem-se com a pastelaria habitual fechada, sem local para tomarem o pequeno almoço a meio da manhã.

É isto uma política de solidariedade?

Vamos comemorar isto?

Do estudo ainda consta que “Os agregados familiares onde existem crianças são aqueles em que a taxa de pobreza é mais elevada”.

E eu pergunto:

Como aparecem estas crianças de manhã na escola?

Qual o seu rendimento escolar?

Não esqueçamos que, instrução e Liberdade andam de mãos dadas.

Será que a frase do antigamente, filho de médico vai para médico e filho de pobre vai para pobre, que eu sonhei ficar para sempre enterrada no 25 de Abril de 1974, passa a axioma na actualidade?

Ignorância é pobreza, tanto nas pessoas como nas Nações.

É isto que comemoramos?

Que políticas desenvolvemos em 47 anos, para obviar a estas tragédias sociais? Vamos comemorar a nossa incompetência? Vamos comemorar o nosso laxismo? Vamos comemorar a nossa pobreza e a nossa mendicância de mão estendida pela Europa?

Estamos a preparar, sei lá se propositadamente, um terreno de descontentamento e de miséria, para nele

facilmente germinarem e frutificarem ideias radicais tanto à esquerda como à direita.

A nossa República já devia saber como surgem as ditaduras, e como pela calada, se vão limitando liberdades e direitos. Mas pelos vistos tem fraca memória.

Não, eu não comemoro nada disto. Eu presto tributo aos homens e mulheres que lutaram pela Liberdade em Portugal e que tentaram e tentam fazer deste país uma sociedade livre, democrática, solidária e com a participação de todos. A melhor maneira de o conseguirmos é mantermo-nos alerta para os falsos profetas que apregoam a democracia que eles próprios não edificaram em parte alguma.

Comemoremos, isso sim, o futuro, mas que ninguém fique para trás.

Há um Abril por fazer, mas que se faça em Liberdade e não numa qualquer tenebrosa escuridão.

Viva o 25 de Abril de 1974

Viva a República Portuguesa.

Viva Alpiarça

Intervenção do representante da Bancada do PS Joaquim Rosa do Céu.-----

Há uns dias atrás um amigo colocou, numa rede social, uma imagem recolhida na tarde de 25 de Abril de 1974 no Largo do Carmo em Lisboa. Na fotografia que retrata um diálogo entre Salgueiro Maia e um dirigente do regime deposto, aparece também um jovem militar (ainda mais jovem que Maia) com cabeça protegida por capacete e que, olhando atentamente para o seu Comandante, parece beber cada uma das palavras por este proferida.

Carlos Beato - o jovem militar- era então um *aspirante a oficial* e foi um dos primeiros a declarar a sua disponibilidade para integrar a coluna militar, que veio a ter um papel determinante na queda do regime ditatorial de quase meio século. Daquela fotografia cada um de nós poderá fazer sobressair o que mais o motiva. Pessoalmente permanecerá sempre a pena de naquele dia, envergando também uma farda militar, me encontrar a 12 000Kms de distância.

Constatando o ar determinado de Maia e o olhar atento do Carlos Beato confirmo o reconhecimento entusiástico de que naquelas horas, naquele local - bem como um pouco por todo o País -um conjunto de jovens militares (a grande maioria muito jovens mesmo) ousaram desobedecer e escolheram convergir , como escreveu José Tengarrinha, para a noite de todas as manhãs que restituíram ao homem a dignidade e a dimensão de ser, havia muito perdidas.

O 25 De Abril de 1974 foi a madrugada que esperávamos. Foi na poesia de Sophia de Mello Breyner:

“o dia inicial, inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio”

Hoje, passados quase 50 anos sobre essa madrugada em que a coragem venceu o medo, importa reflectir sobre o que foi a revolução dos cravos e o caminho que o País percorreu.

O pós-revolução não foi pacífico e, como referiu Eduardo Lourenço, o desejo de um Portugal

revolucionário, alimentado por interesses geoestratégicos, criou a imagem de um país que seria palco de subversão democrática da ordem capitalista europeia, o que fez confluír para um povo sem espaço para tal desejo, os fantasmas da esquerda europeia, que triunfava no Alentejo e na Lisnave por procuração.

Esta manifestação teve especial relevância no período de aproximadamente 9 meses, que mediou entre a tentativa de golpe de 11 de Março e o 25 de Novembro de 1975. Foram 9 meses de vertigem e de exageros: Foi o tempo de assaltos a sedes partidárias, de julgamentos populares, de mandados em branco assinados pelo Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho. Foi o tempo de assassinatos.

O corrupio de intelectuais marxistas a visitar Portugal não parava e Jean Paul Sartre, no decorrer da sua visita em plena campanha eleitoral para a Assembleia Constituinte, afirmava: “o sufrágio universal está ultrapassado. Defendo uma democracia directa”.

A 25 de Abril de 1975 tiveram lugar as eleições para a Assembleia Constituinte. Hoje a esta distância impressiona (por comparação com a realidade actual) o grau de participação que se verificou: 91,66% dos eleitores inscritos foram votar. O resultado foi bem expressivo: o PS venceu com 37,9%, seguiram-se o PPD com 26,4%, o PCP com 12,5%, o CDS com 7,6%, o MDP/CDE com 4,1% e a UDP com 0,8%.

Estes resultados puseram a claro que, contrariamente ao que outros interesses defendiam, a oposição ideológico-cultural ao regime deposto em 25 de Abril de 1974 não era marxista, nem assim era entendida pelo povo.

Infelizmente a resposta expressa livremente não foi respeitada e, nessa mesma noite, Otelo Saraiva de Carvalho afirmava que o conselho da revolução não tinha confiança nos partidos políticos.

Seguiu-se o 1º de Maio e os incidentes nas comemorações, com a Intersindical a barrar a entrada de Mário Soares, na tribuna do estádio onde as mesmas decorriam. Este incidente marcou o recrudescer das tensões e o palco da decisão passou definitivamente para a rua, com desfecho final em 25 de Novembro de 1975, data a partir da qual o País recuperou a estabilidade.

A Constituição da República de 1976 retomou a noção de descentralização administrativa de 1911, ao abrir o título dedicado à organização do poder político, às autarquias locais; dando desta forma corpo a uma das vertentes determinantes do Portugal saído do 25 de Abril de 1974: o poder local democrático.

O poder local democrático que tem a sua força principal na proximidade às populações conheceu, ao longo da sua existência, a conquista de múltiplas competências e é importante que, pelo conhecimento profundo da realidade, mas também da importância das oportunidades, as saiba assumir como determinantes para a promoção do desenvolvimento.

Nos tempos que vivemos o combate pela qualificação continua a ser instrumento de promoção da qualidade de vida, mas sobrevêm novos desafios, numa realidade que é crescentemente concorrencial.

Nesta fase a defesa e valorização de identidade é característica que valoriza as escolhas ----- A introdução de componentes urbanas no que é rural deverá sempre obedecer ao princípio de subordinação da valorização da identidade. Quando se mistura sem critério posicionamo-nos mal.

Quem procura opta pelo que é genuíno e diferente, já que o que é igual existe por todo lado.

Numa outra vertente a pandemia que assolou o mundo trouxe dificuldades, que serão de grande intensidade no domínio da criação de riqueza e valorização do factor trabalho. Neste combate o poder local tem um papel decisivo na criação de emprego. Captar investimento e materializar fileiras competitivas pressupõe ambição e clareza nas decisões.

Não podemos partir para a identificação do que se pretende e, a meio do percurso, anular o que era determinante e estrutural, para inflectir para situações de cariz completamente diferente. O sucesso das decisões e o benefício que delas a comunidade pode retirar obriga a estudo, capacidade negocial e determinação.

Hoje mais que nunca é decisivo não sobrevalorizar o combate ideológico e, ao invés, dar mais importância às opções que melhor possam garantir o nosso futuro colectivo e dar resposta eficaz aos desafios colocados pelo alheamento de participação das novas gerações.

A descrença crescente na qualidade da democracia – que atinge uma expressão que é, em si mesma, uma vergonha para o legado do 25 de Abril - combate-se com respostas concretas a práticas indignas e não com meros discursos de circunstância. Defender Abril e valorizar a democracia, na nossa comunidade e no País, é prática que se deve ligar ao orgulho do que colectivamente nos qualifica, enquanto povo.

O que tem valor afectivo deve ser assumido, reivindicado e valorizado. Deixar tais princípios à direita radical, conduz a afastamentos e é um erro, que se pode pagar caro.

Hoje tal como fizeram os jovens militares de Abril de 1974 ousemos sonhar e ambicionar um futuro que responda às nossas necessidades, enquanto comunidade que não se resigna e não desiste.

Viva Alpiarça Viva o 25 de Abril

24/04/2021

O líder de bancada do Partido Socialista, na Assembleia Municipal de Alpiarça

Joaquim Luís Rosa do Céu

Intervenção do representante da Bancada da CDU Fernanda Cardigo.-----

Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Alpiarça

Sr. Presidente da Câmara Municipal de Alpiarça

Sra. Presidente da Assembleia de Freguesia de Alpiarça

Srs. Vereadores

Srs. Autarcas do Município e da Freguesia

Caros Municípes

Estamos aqui hoje a comemorar o quadragésimo sétimo aniversário de um acontecimento que ficará para sempre marcado na História de Portugal e na memória de todos os portugueses como o dia da liberdade.

Liberdade que os portugueses souberam conquistar em 25 de abril de 1974, após anos e anos de luta e sonho, de resistência e fé, de lágrimas e esperança, e com a ação dos Capitães de Abril derrotou um regime decadente, que mantinha o povo português amordaçado e alimentava uma guerra injusta, inútil e inconsequente, à revelia do que se passava na Europa e no Mundo.

Nós, os que tivemos o privilégio de viver a maior parte das nossas vidas em liberdade e aqueles, os mais jovens, que nasceram no seio dela, somos todos os fiéis depositários dessa herança, e cabe-nos o papel de defender a liberdade até às últimas consequências e de contribuir diariamente para o seu aperfeiçoamento.

Uma revolução original que, a partir de um levantamento militar, teve a adesão e o apoio imediato do povo português, criando uma aliança do povo com o MFA.

O povo de Alpiarça deu uma importante contribuição para essa luta de resistência, pelo fim da ditadura fascista, pela liberdade e a democracia e, depois de Abril, pela consolidação e avanço da revolução.

A aliança do Povo com o MFA foi decisiva porque sem a iniciativa e o apoio popular, o movimento militar não teria vencido, tal como o movimento popular sozinho não teria êxito. Movimento popular que quis demonstrar e afirmar de forma clara e inequívoca o seu apoio à revolução de Abril logo nas primeiras horas, mas particularmente no primeiro 1º de Maio em liberdade que invadiu as ruas, praças, vilas e cidades do País, numa explosão de alegria que ficou na memória de todos os que viverem esse momento único.

Não foram nem estratégias militares nem políticos criativos que inventaram a designação Povo-MFA. Foi uma vontade clara dos nossos soldados e capitães, que fartos de uma guerra injusta que roubava jovens ao nosso país, se levantaram e disseram não ao regime fascista, e também do povo português que durante muitos e muitos anos soube resistir e criar condições para que acontecesse a madrugada libertadora do 25 de Abril de 1974.

Com a conquista da liberdade, Abril e a sua Constituição trouxeram uma nova estrutura económica, liberta do poder dos monopólios travando a sabotagem económica e conduzindo às nacionalizações dos sectores básicos e estratégicos, valorizando o papel das pequenas e médias empresas, conquistando a Reforma Agrária, desbravando terras incultas, criando emprego, aumentando a produção nas terras do Sul, criando um desenvolvimento sustentável e melhores condições de vida para todos.

Conquistaram-se direitos laborais sociais e culturais até aí proibidos e suprimidos, como a liberdade sindical, o direito à greve, a não ser despedido sem justa causa, à proteção na infância, na velhice, na doença, no desemprego, o direito à igualdade das mulheres no trabalho, na família, na sociedade e direitos novos para os jovens.

O Poder Local Democrático, uma das mais belas conquistas da Revolução de Abril, que o processo revolucionário consolidou, trouxe novas perspetivas para os municípios, com claras melhorias na vida de todos nós.

Conquistas que a Assembleia Constituinte veio a inscrever na Constituição da República.

Foi a Revolução de Abril e não qualquer outro processo que abriu as portas de Portugal à Europa e ao mundo! Nós sabemos isso! Mas é preciso dizê-lo, particularmente às novas gerações na medida em que muitos tentam reescrever a história, negar a existência do fascismo.

Durante décadas, sucessivos governos recuperaram e restauraram de novo o poder do grande capital, rasgando ou engavetando compromissos assumidos com o povo e com a Constituição de Abril, desferindo-lhe sucessivos golpes e agora até fazem de conta que ela não existe, apesar de jurarem defendê-la!

Na verdade, anos depois de políticas de recuperação capitalista, está cada vez mais à vista o resultado da longa ofensiva contra Abril que temos denunciado e combatido.

A banca e outras empresas enchem-se com as gorduras do Estado e endeusam a iniciativa privada mas, quando a coisa dá para o torto, é o Estado, ou seja todos nós, que metemos lá o nosso dinheiro para tapar as negociatas e a corrupção generalizada que se move impunemente no nosso país. Corrupção que cria cada vez mais descontentamento na população, que alguns novos partidos dizem combater, mas que são parte integrante desse problema.

Vivemos um tempo em que se acentuam cada vez mais as desigualdades, fruto da corrupção generalizada, que é preciso combater com firmeza, de forma a que a riqueza criada seja melhor distribuída por todos.

Por isso este é cada vez mais o tempo de defender e afirmar Abril! É o tempo de defender a Constituição da República Portuguesa.

Sim, este é cada vez mais o tempo de defender e afirmar Abril! É tempo de respeitar, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República!

Comemoramos Abril pelo que Abril significou e significa no presente, mas também pelo que significará como projeto para o futuro de Portugal!

Viva o 25 de Abril!

Viva Alpiarça

Viva Portugal

Intervenção do Sr. Presidente da Câmara Mário Pereira.-----

Sr Presidente da Assembleia Municipal de Alpiarça

Sra Presidente da Junta de Freguesia de Alpiarça

Sra Presidente da Assembleia de Freguesia

Sras e Srs deputados municipais e demais eleitos nos órgãos autárquicos

Sras e Srs vereadores

Sras e Srs convidados

Celebramos uma vez mais, nesta sessão evocativa, a Revolução de Abril, na noite que assinala a passagem de 47 anos sobre o início das movimentações que conduziram à derrota do regime fascista português e ao começo do processo mais rico e democrático de transformação do nosso País. Aqui afirmamos o nosso júbilo pelo 25 de Abril – pelos seus valores e ideais, vivos e ainda vigentes na sociedade portuguesa; valores e ideais que, pela sua actualidade e capacidade de mobilização para causas justas, continuam a constituir o farol para a acção a todos os que procuram construir um País mais livre e democrático, mais fraterno e solidário, mais desenvolvido, num concelho com uma cada vez maior qualidade de vida. São razões fortes, que justificam plenamente que nos reunamos e intervenhamos enquanto cidadãos que cumprem um dever cívico. Mesmo em tempos muito difíceis como os que temos vivido desde há mais de um ano, marcados por uma crise sanitária sem precedentes nas nossas vidas.

Estes tempos tornam ainda mais evidente a necessidade de afirmarmos Abril. São preocupantes os sinais que todos os dias nos são mostrados, agora com menos pudor, pelos que, à boleia do medo e das consequências económicas e sociais da epidemia da Covid-19, procuram instrumentalizar os descontentamentos para promover valores antidemocráticos e fascistas. Uma nova realidade que exige dos democratas as respostas mais firmes.

É muito importante, por isso, que se regresse ao espaço cívico, como esta noite fazemos. Com as devidas medidas e procedimentos de higienização e segurança, claro. Mas não cedendo ao confinamento das ideias nem ao medo.

Não tenhamos ilusões quanto à gravidade dos riscos para o regime democrático que se encobrem nos discursos e nas propostas que vão engrossando de destruição de direitos consagrados na sequência da Revolução de Abril – no que, se concretizado, representaria uma autêntica regressão política, social e civilizacional. O contrário do que Abril nos propõe. Daí a acrescida importância de uma sessão evocativa como esta ou como todas as outras que, semelhantes, se façam País afora.

Os eleitos nos órgãos autárquicos deixariam de merecer o respeito da população se não se mantivessem nos seus postos, também a este nível, comemorando o Dia da Liberdade, dando o seu exemplo e contributo para a urgente retoma da vida da nossa comunidade. E ao comemorarmos a Revolução de Abril começemos por saudar os corajosos Capitães de Abril e todos os militares revolucionários do MFA

que prepararam e levaram a cabo o mais bonito dos golpes militares, derrubando o anterior regime e, num feito ímpar na história nacional, imediatamente de seguida prepararam a entrega do poder ao povo.

Celebremos a luta heróica de várias décadas e gerações de resistência e combate à ditadura de Salazar e Caetano, assinalando a coragem, a determinação e o sacrifício de milhares de portugueses. Saudemos, em jeito de homenagem, os que resistiram ao fascismo.

Meio século de luta pela liberdade, procurando forjar a unidade entre democratas, mantendo a esperança, constituiu o mais forte combustível para a Revolução.

Foi um percurso longo e duro. Com muito sofrimento – que passou pela clandestinidade, pelas prisões políticas, pela brutalidade da PIDE e das forças repressivas, pelos espancamentos e a tortura, pela ausência de familiares e amigos, pelo exílio e a emigração.

Alguns sucumbiram e ficaram pelo caminho, deixando o exemplo e sendo credores da nossa admiração. A luta organizada esteve sempre presente. Foi persistente – sobretudo a dos operários e trabalhadores agrícolas. Foi uma luta de classes, na qual os melhores representantes dos explorados cumpriram determinada e conseqüentemente o seu papel histórico. E atingiram os objectivos da liberdade e da democracia.

O nome de Alpiarça destaca-se nesta jornada contra a miséria e a exploração, pela dignidade do trabalho, pela liberdade, pela construção de um mundo melhor.

É a mais honrosa da nossa memória colectiva. Não podemos esquecer. Não podemos deixar que seja esquecido pelos que a seguir a nós virão.

Valorizemos o levantamento popular que marchou a par dos soldados. Desde os primeiros momentos a população, logo que percebeu a intenção dos revoltosos, apoiou as operações, soltando-se nos dias e meses que se seguiram no caminho da liberdade, tomando nas mãos um processo revolucionário amplo, inovador, democrático, e profundamente transformador.

O 25 de Abril é património do povo português. Abriu uma nova página na vida do País. Marca os nossos dias, resistindo a ameaças cada vez menos veladas. Projecta-se no futuro. Um património que foi sendo construído colectivamente e ao qual também os alpiarçenses entregaram um notável contributo, quer em luta e sofrimento para que pudesse florir em cravo, quer no envolvimento na construção da sociedade nova a que Abril abriu as portas – uma sociedade mais democrática e progressista. Um património feito de importantes conquistas que vemos quase como naturais, mas que não o são.

O vasto conjunto de direitos, liberdades e garantias, como o direito à vida e à integridade moral e física, não existiam no regime fascista; nasceram com Abril, mas exigem de nós defesa permanente, sob pena de nos serem retirados.

O 25 de Abril é o momento da nossa história que supera 48 anos de opressão, de atraso económico, social e cultural, de analfabetismo generalizado, da emigração em massa, de isolamento internacional e guerra, de um sistema explorador que usava a violência como instrumento repressivo de sustentação, de protecção da ditadura e da elite que governava em nome dos interesses instalados e dominantes.

Como elemento chave do processo transformador surge a Constituição da República Portuguesa, aprovada pela Assembleia Constituinte e promulgada pelo Presidente da República a 2 de Abril de 1976 – fez agora 45 anos. Consagra as importantes transformações, cujo alcance atinge todos os domínios da vida do País: a defesa e protecção dos trabalhadores no plano dos direitos laborais e sociais, como a liberdade sindical, o direito à greve e a proibição do despedimento sem justa causa; a criação do Serviço Nacional de Saúde, fundamental à significativa melhoria no acesso à saúde e que, hoje, em plena crise epidémica, se revelou

decisivo na resposta global do País a esta inesperada situação, salvando inúmeras vidas; mas também novos direitos, como a educação, a segurança social, os direitos das crianças e jovens ou o reconhecimento da igualdade da mulher no trabalho, na família e na sociedade.

Transformações e conquistas que desencadearam alterações profundas na estrutura económica, com as nacionalizações de sectores estratégicos, com a valorização das pequenas e médias empresas, democratizando o acesso à terra e à produção alimentar, com a Reforma Agrária, que permitiu desbravar terras incultas, reaproveitando outras, diversificando as culturas, desenvolvendo a produção pecuária, fugindo à fome, à miséria e criando emprego, agora com direitos.

Em resultado deste processo, a Constituição definiu também a forma como as populações passaram a poder decidir sobre o desenvolvimento do seu território e do desenho do futuro, com a institucionalização do Poder Local democrático, atribuindo-lhe a escolha dos seus representantes em eleições livres e a respectiva autonomia política, administrativa e financeira dos municípios e freguesias.

Apesar das diversas revisões que lhe adulteraram aspectos importantes e permitiram a regressão em diferentes domínios, a Constituição aprovada em 1976 continua a manter o seu espírito original e a ser letra viva de esperança no progresso social.

Caros colegas autarcas; caros conterrâneos,

Intervenho pela 12ª vez consecutiva numa sessão comemorativa do 25 de Abril como Presidente da Câmara Municipal de Alpiarça. Será certamente a última nestas funções. É – foi sempre – uma enorme honra e um privilégio poder usar a palavra e dirigir-me aos alpiarcenses a partir desta Assembleia, para mais numa matéria que me é tão cara e que tão grande significado tem para a nossa população. Ao longo destes anos procurei preferencialmente abordar o 25 de Abril sob a óptica de que constitui para mim o seu verdadeiro significado: o de data fundadora do regime democrático em Portugal, após quase meio século de um regime fascista, cujos valores que legou é necessário continuamente defender. Não deixei de abordar as matérias relativas à vida dos alpiarcenses e à gestão autárquica.

Far-me-ão a justiça de concordar comigo se disser que nunca utilizei esta tribuna para atacar adversários políticos, semear o conflito gratuito ou acentuar as perspectivas diferentes que possamos ter relativamente às opções a tomar no sentido de ultrapassar os problemas e traçar os caminhos de desenvolvimento da nossa terra. Manter-me-ei fiel a esta prática de 12 anos, mas não deixarei passar a oportunidade para abordar o essencial de um percurso que constituiu uma luta constante para poder honrar os compromissos assumidos com a população e, assim, também, cumprir Abril.

Desde logo, começando por assumir politicamente, com orgulho, o rico património histórico que significa as décadas de luta dos alpiarcenses contra a opressão e o fascismo, homenageando as mulheres e homens que mais se destacaram nesse processo.

Depois, procurar valorizar os trabalhadores do Município, resistindo às enormes limitações legalmente colocadas, de que são exemplos maiores o combate à precariedade e a vinculação aos quadros de um

número muito considerável de pessoas, a passagem a sapadores dos bombeiros municipais, a defesa das 35 horas de trabalho semanal ou a recente aprovação do suplemento de penosidade e insalubridade, da forma o mais alargada possível e pelo valor remuneratório mais alto.

Em anos de variados constrangimentos à intervenção do Poder Local, com as sucessivas crises económicas e sociais, com a “tróika”, a que se acrescenta agora a pandemia da Covid-19, revestiu-se de extrema importância o processo bem sucedido de recuperação do equilíbrio financeiro do Município, garantindo a sustentabilidade, dado novo que permite resolver problemas da nossa população e concretizar diversas realizações com impactos positivos que respondem a necessidades actuais e irão definir o futuro do concelho.

Este tempo difícil de cortes nas receitas próprias e nas transferências a partir do Orçamento de Estado, em que tivemos de reduzir de forma muito acentuada o endividamento municipal (acima dos 60% da dívida encontrada em 2009), foi também o período em que Alpiarça assistiu aos maiores investimentos de sempre em áreas fundamentais da gestão autárquica: na cultura e património, com a requalificação global, em duas fases da Casa dos Patudos e a construção de um novo Auditório; na educação, com a construção do novo Centro Escolar e a requalificação geral das Escolas e jardins de infância de Alpiarça e Frade de Baixo e da Escola EB2,3/Secundária de José Relvas; com a prossecução do Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Educativo; ou com a afectação de mais de 100 mil euros a bolsas de estudo a estudantes do ensino superior, bem como ao aumento dos montantes dos auxílios sociais escolares; na opção estratégica de privilegiar a garantia dos apoios financeiros e logísticos ao movimento associativo popular do concelho, permitindo a dinamização das actividades culturais, desportivas e sociais; na opção pela eficiência energética, com a substituição de toda a iluminação pública por novos equipamentos tecnológicos, o que se traduz numa maior qualidade do serviço prestado, na poupança nos consumos, em menores impactos ambientais; no abastecimento de água de qualidade e no serviço de saneamento, com a remodelação global da ETAR, de condutas, ramais, reservatórios e das estações elevatórias, num concelho que tem das taxas mais altas de cobertura destes serviços essenciais à sua população em todo o País; ou, ainda, no esforço desenvolvido ao nível da regeneração urbana do concelho, procurando tornar o edificado e o espaço público envolvente mais atractivos e proporcionar maior qualidade de vida, com a criação da nova Praça do Município, a ampliação e requalificação do Jardim Municipal com os consequentes efeitos em toda a sua área envolvente, a requalificação e adaptação do Mercado Municipal, edifício em que nos encontramos, cuja segunda fase já foi iniciada e permitirá transformar todo o espaço central da vila. Aproveitando, no limite, as possibilidades de financiamento a partir dos fundos estruturais à nossa disposição.

A partir das opções que tomámos, e cujo essencial aqui deixo, sucintamente, houve subjacente um propósito de cumprir Abril, no que este encerra enquanto incentivo à melhoria das condições de vida das populações e de dinamização da vida económica e social, de valorização do território.

Uma outra dimensão dos valores de Abril esteve presente a cada momento: a primazia dada ao interesse público; num trabalho que não tendo sido isento dos erros e de limitações inerentes aos homens e às mulheres que lhe deram corpo, foi realizado na base da honestidade e da seriedade.

Caros colegas autarcas; caros conterrâneos,

É com alegria e esperança em dias melhores que olho para a celebração que hoje realizamos. É importante o regresso à rotina que é comemorar o Dia da Liberdade, defendendo as conquistas alcançadas, homenageando os que o tornaram possível.

Quero terminar dizendo-vos que poder representar enquanto eleito local o Povo de Alpiarça – povo de Abril numa terra de liberdade – é o maior e inigualável orgulho da minha vida pública.

Viva Alpiarça!

Viva o Poder Local democrático!

Viva o 25 de Abril!

--- Nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada pelo senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----

--- Para constar se lavrou a presente ata, que vai ser assinada pelos membros da Mesa. -----

--- Presidente: Fernando Louro _____

--- 1.ª Secretária Fernanda Garnel _____

--- 2.º Secretário João Osório _____

--- Alpiarça, aos vinte e quatro de Abril de dois mil e vinte e um. -----